

Iom Kipur

O Movimento Massorti América Latina deseja que nossos pensamentos tornem-se palavras; nossas palavras, em ações; nossas ações em hábitos; nossos hábitos moldem o nosso caráter e nosso caráter controle nosso destino. Que cada um possa, no final destes dias, estar reconciliado, comprometido com os outros, com nossa religião e com o "Tikun Olam", abandonando a indiferença que nos afasta das boas ações e desperto para a vida que se deslumbra a nossa frente. Que sejamos todos inscritos no Livro da Vida com boa saúde e felicidade.

Mario Grunebaum
Presidente

Recrio uma história que li há anos.

Algum tempo atrás, encontrei-me com alguém que não via há uns quantos anos. Depois das saudações, dos abraços e das perguntas características sobre a família, o trabalho, a saúde e o resto, ele me disse: “A verdade é que você está ótimo, não mudou nada.”

Evidentemente, ele não estava igual, já que, de acordo como o que me disse, percebi que a vista lhe falhava acintosamente.

De qualquer modo, aceitei o elogio como tal, porque o que ele queria sugerir, quero crer, era que eu tinha a mesma barriguinha de antes, o cabelo todo – e quase todo da mesma cor – e por aí em diante. Digamos que, no mínimo, eu estava mantendo minha forma.

Entretanto, no contexto destes 10 dias sagrados que entremeiam o Ano Novo Hebreu (Rosh Hashaná) e Iom Kipur (o chamado Dia do Perdão), esta frase, ao invés de ser um elogio, se inscreve como um grande fracasso.

Porque, se estamos nos apresentando diante do Criador para um balanço espiritual anual, pelo qual cremos que estamos sendo julgados – e, esperemos, perdoados- o ideal seria que Deus nos analisasse e dissesse: “A verdade é que você está ótimo e mudou bastante!”

Já dizia Rabi Bunem: “Não gostaria de mudar de lugar com o nosso patriarca Avraham. Que vantagem teria para o Todo Poderoso se Avraham fosse o cego Bunem e eu fosse Avraham? Em vez de esperar que isso aconteça, creio que devo tentar crescer um pouquinho mais para ser mais Bunem do que sou hoje.”

Há um pequeno detalhe mas muito ilustrativo no texto bíblico que joga um pouco mais de luz sobre esta questão.

No Livro de Êxodo, o faraó pede a Moisés e Aaron, quando eles acabam de se apresentar diante dele: “Inu lachem mofet,” cuja tradução literal seria: “Mostrem algum feito extraordinário para vocês.” Que estranho! O lógico seria que ele lhes pedisse que mostrassem algum prodígio para ele e para os membros de sua corte.

Mas o faraó era muito astuto. Sabia muito bem que, para que alguém seja respeitado, essa pessoa, mais do que surpreender aos outros, deve ter a especial sabedoria de poder assombrar a si mesma.

O soberano do império mais poderoso da época tinha muito claro que o maior poder que o ser humano tem é o de poder surpreender a si mesmo. E porque suas ferramentas são exatamente aquelas questões que ainda não foram colocadas sob a luz. Aí é onde repousa o assombro mais transcendente, que é simplesmente o de poder ser o que a pessoa ainda não foi.

O problema, ou melhor dito, um dos problemas que temos com a ideia de nos descobrirmos mudados, é que, em geral, pretendemos modificar os outros, sem perceber, a duras penas, que só podemos fazê-lo com nós mesmos.

O problema, ou melhor dito, um dos problemas que temos com a ideia de nos descobirmos mudados, é que, em geral, pretendemos modificar os outros, sem perceber, a duras penas, que só podemos fazê-lo com nós mesmos.

Por isso, deveríamos pendurar nestes dias nas sinagogas esse cartazinho que aparece ao lado de alguns caixas, nos quais está escrito: “Confira o troco (cambio– troco ou mudança) antes de sair.” Porque vale o esforço e o jejum para que revisemos o que fizemos com nossas mudanças e o que deixamos de mudar porque não nos animamos a fazê-lo.

O rabino Elimelech perguntou certa vez a seus discípulos: “Sabem qual é a distância entre o Ocidente e o Oriente? Após várias respostas erradas e um certo silêncio, ele continuou: “Apenas uma virada de rosto.”

Por isso, talvez a transgressão que costumamos cometer, os simples mortais, não se aproxima nem sequer um pouco do pior crime do qual somos praticamente todos culpados, que é poder dar uma virada a qualquer momento e não exercitar o privilégio de fazê-lo.



¡Gmar Jatima Tova!

Rabbi Marcelo Polakoff
Asamblea Rabínica Latinoamericana
Centro Unión Israelita de Córdoba - Argentina



With support of the WZO.